RELATO DE PRÁTICA

Roda, Rede: prevenção, letramento e inclusão social.

CRISTINA FERNANDES DE SOUZA*[1]

O contexto

O Projeto Roda, Rede teve início em 2001, no município de Lucena, litoral da Paraíba, com Índice de Desenvolvimento Humano de 0,604 [2] (2000) e Índice de Desenvolvimento Infantil de 0,508 [3] (2004), que estão entre os piores do Estado da Paraíba. A cidade, com 11 mil habitantes, apresenta muitos contrastes sociais – praias e belas paisagens naturais ao lado de comunidades em que a população vive em situação de extrema miséria.

A primeira ação da ONG Apoitchá em Lucena foi a realização de um diagnóstico com a participação da comunidade para identificar os maiores problemas daquela população. Este estudo apontou que a dificuldade de leitura e escrita e a falta de interesse pelos estudos das crianças era um grave problema. A questão ambiental também foi uma preocupação apresentada, especialmente em razão das doenças originadas pelo lixo.

Além disso, a comunidade reclamou da ausência de espaços de lazer e cultura.

Outros dados constatados no diagnóstico e também importantes para se entender o contexto foram:

- o alto índice de HIV e DST em crianças de nove e dez anos de idade;
- abuso e exploração sexual;
- violência doméstica grave.

A missão da Apoitchá era trabalhar pela melhoria da qualidade de vida e promover o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes de Lucena. Em outras palavras, proteger essas crianças e dar condições para que elas pudessem se proteger de toda forma de negligência, discriminação, exploração e opressão.

Para realizar esta missão, a instituição começou o trabalho com as escolas tendo como pressuposto o fortalecimento da escola pública e das famílias. O atual projeto Roda, Rede começou em 2001 com o nome de Rede Participativa – leitura-escrita e meio ambiente – envolvendo duas escolas da cidade, em parceria com a Secretaria da Educação, e ganhou, em 2005, o primeiro lugar do Prêmio Itaú-Unicef.

Em 2006, essa rede se ampliou e passou a se chamar *Roda, Rede – prevenção, letramento e inclusão social*. Nesse momento, somaram-se à rede mais quatro escolas públicas, Ministério Público, Juizado da Infância e da Juventude, Conselho Municipal do Direito da Criança e do Adolescente, Conselho Tutelar, Conselhos de Escola, Conselho de Educação, Secretarias Municipais de Educação e Cultura, Saúde e Defesa Social, CREAS, Secretarias de Administração, Educação e Planejamento do Estado da Paraíba, além das famílias e dos adolescentes que estiveram desde o início do projeto.

Em 2007, a Apoitchá estendeu a parceria com as escolas, trabalhando atualmente com nove escolas da rede pública. Assim, das duas comunidades iniciais agora são oito comunidades atendidas. Eram 200 crianças em 2001 e agora são 2.084 crianças e adolescentes, 190 educadores e 500 famílias.

O começo

Andréa Carrer Carvalho, uma educadora paulista que há seis anos mora em Lucena (PB), coordena as atividades da ONG Apoitchá. Desafios profissionais e motivos pessoais animaram sua decisão, que se baseia no pressuposto teórico preconizado por Kenneth Zeichner, no qual Andréa sempre acreditou:

> (...) quando se trabalha com formação de professores e educadores, o ideal é que o formador conviva na mesma comunidade que eles, para que esta formação seja mais contextualizada e possa fornecer elementos e oferecer condições para estimular estes professores-

* Cristina Fernandes de Souza é comunicadora da Equipe Educação e Comunidade do Cenpec.

educadores a refletirem sobre sua prática, que não é qualquer prática, é uma prática de ensino-aprendizagem naquela comunidade específica. Para o professor e educador é muito enriquecedor, embora, às vezes, difícil, viver os problemas que as famílias e as crianças estão vivendo no território. Quando você vive as mesmas dificuldades daquela comunidade, você amplia o contato com os meninos e meninas; você freqüenta o mesmo mercado, conhece a mãe do seu aluno e aluna e tem mais condições de interagir com esta realidade.

Desde o início, a Apoitchá apostou no trabalho conjunto com os professores. Isso foi muito importante para construção de um vínculo de confiança entre os educadores da ONG e os professores das escolas públicas. Ambos, educador e professor, faziam parte de um grupo que estudava junto.

Por outro lado, uma grande preocupação da instituição era a articulação das atividades desenvolvidas pela ONG com as atividades escolares das crianças. Nessa perspectiva, sempre foi fundamental o planejamento conjunto entre o professor e o educador. Por exemplo, a ONG fez um estudo de meio, em que as crianças coletavam o lixo pelo bairro e eram estimuladas a refletir sobre as questões ambientais. A professora utilizou todo o material da coleta para trabalhar texto e alfabetizar os alunos.

A princípio, a formação era somente com professores da 1ª a 4ª série, uma vez que, no diagnóstico elaborado com a comunidade, uma das maiores dificuldades das crianças e adolescentes era a alfabetização, leitura e escrita. Com o desenvolvimento dos trabalhos focados na melhoria da leitura e escrita, as crianças foram crescendo e sendo promovidas na escola.

Nesse momento, tanto a escola quanto a ONG avaliaram que não cabia, simplesmente, interromper o processo e "abandonar" estas crianças quando passavam para a 5ª série, tirando-lhes a opção de atividades socioeducativas no horário alternado ao escolar.

A equipe da ONG começou a refletir sobre a possibilidade de ofertar ações para promover o protagonismo juvenil e oportunidades na comunidade para a população adolescente. Alguns adolescentes que participam da oficina de música, alunos da 8ª série, estão na ONG desde a 1ª série.

Hoje, os adolescentes atuam em rádios dentro das escolas, produzem jornais, participam de oficinas de jornalismo, produzem vídeos com temas da cidade, organizam eventos municipais e participam dos encontros estaduais de protagonismo juvenil.

Quando a Apoitchá decidiu oferecer atendimento aos adolescentes, constatou a ampliação do desafio na formação dos professores. Não bastava mais formar os professores do Ciclo I, também se fazia necessário dialogar com os professores de 5ª a 8ª série, com toda a questão das especialidades, do número maior de professores e da carga horária.

A experiência

Formação de professores de 5a a 8a série

Três ações do Projeto Roda, Rede integram a formação de professores de 5ª a 8ª – Planejamento Participativo, Encontros Pró-Rede e Programa de Educação Preventiva e Sexualidade (PEPS).

Planejamento Participativo

É uma ação de formação mensal, na qual os professores são convidados a avaliar as ações desenvolvidas pela ONG com as crianças e adolescentes no horário oposto ao escolar. Nesse momento, os professores falam sobre os impactos dos projetos da ONG e naturalmente emergem as situações e dificuldades que eles vivem em sala de aula, o que pode começar, por exemplo, com uma discussão sobre o comportamento do menino ou menina na ONG e na escola. As angústias do professor são transformadas em objetos de estudo dos outros momentos de formação.

Nesse espaço de diálogo fecundo, surgem temas como (in)disciplina, violência, sexualidade e drogas, que são trabalhados nos encontros seguintes e também nas outras ações de formação – Encontros Pró-Rede e Programa de Educação Preventiva e Sexualidade.

No Planejamento Participativo são trabalhados textos para aprofundamento e reflexão de determinados temas e também são desenvolvidos projetos em conjunto, ou seja, articulados entre a ONG e escola, buscando uma sinergia entre as propostas educativas.

Além disso, é uma oportunidade de desenvolvimento de trabalho coletivo entre os próprios professores, que, no dia-a-dia, são consumidos pela falta de tempo para dialogar com seus pares. Nestes momentos, os profes-

sores, diretores e supervisores pensam juntos o projeto da escola, para enfrentar coletivamente os desafios que as situações impõem.

Encontros Pró-Rede

São grandes momentos e espaços de escuta, onde pais, educadores da ONG, professores das escolas e adolescentes (estudantes de 5ª a 8ª) se reúnem. "Não é possível trabalhar formação de professores e desconsiderar que esta formação precisa prever alguns momentos em que o professor tem que estar junto com os pais. E não é só fazer reunião de pais, isso também é importante, mas não é suficiente" – justifica Andréa Carrer Carvalho.

Nos Encontros Pró-Rede, as famílias, professores e adolescentes se reúnem para dialogar sobre questões importantes para a comunidade e refletir e estudar temas que dizem respeito a todos.

O encontro se estende por todo o dia. A metodologia foi pensada cuidadosamente para estimular a participação de todos, inclusive dos pais que são, na maioria, analfabetos e não têm o exercício da fala pública. É importante destacar que, para facilitar a participação dos pais, um grupo de educadores da ONG cuida das crianças pequenas que os pais não têm com quem deixar.

Além disso, em comunidades pobres como muitas de Lucena, a oferta de almoço é um diferencial motivador que a instituição busca garantir em todos os encontros. A presença dos pais nos encontros é maciça; em algumas ocasiões, faltam cadeiras e os pais participam pela janela, tais são o interesse e a vontade.

Os encontros são permeados por dinâmicas de toque embaladas por música. Pais, adolescentes e professores em roda, de mãos dadas, olhos nos olhos, para fazer uma dança circular. É preciso trazer à tona a afetividade e a emoção de prestar atenção no outro para facilitar o diálogo.

Na parte da manhã, os participantes são organizados em grupos mistos – pais, professores e adolescentes – e têm a tarefa de discutir sobre um tema, situações-problema, estudos de casos baseados em fatos reais da comunidade. Para o professor, é muito importante estar junto com o pai, pois isso facilita o estreitamento dessa relação. O trabalho em grupo procura derrubar eventuais barreiras de classe, categoria e timidez, pois professores, pais e alunos estão juntos e têm que apresentar um produto do trabalho coletivo na plenária à tarde.

A discussão é enriquecida com *slides*, textos de alguns autores sobre o tema, resultados de pesquisa e outros recursos. À tarde, os grupos são de iguais – pais com pais, adolescentes com adolescentes e professores com professores. Os resultados são apresentados por meio de diversas estratégias, uma das mais enriquecedoras é a dramatização.

Nessa situação, vem à tona a visão daquele grupo sobre o tema, valores que fazem parte do imaginário do grupo são percebidos pelos outros de maneira muito mais clara que uma conversa é capaz de expressar. "É muito importante esse encontro para mim. Eu deixo de criticar o pai porque tomo conhecimento da sua situação, do que ele está vivendo", diz dona Ziza, professora veterana de Língua Portuguesa, em idade para se aposentar, mas que vai continuar no ofício.

Também para o aprendizado dos alunos a participação no Encontro Pró-Rede enriqueceu o trabalho de dona Ziza em sala de aula: "uma coisa é eu dar todas estas informações numa aula como professora, outra coisa é eles [os alunos] estarem em um encontro com alunos de outras salas, debatendo o tema. A informa-

ção vem da ONG, mas também vem dos pais e de outros professores. Então eles [os alunos] podem ver que outras pessoas estão discutindo o mesmo tema e eles se sentem parte de uma comunidade que está discutindo este tema."

Juntos, pais, alunos e professores.

O que a comunidade está ganhando com esses encontros? "Todos debatem sobre como está a comunidade e o que a gente gostaria que tivesse nessa comunidade. Esses encontros aproximam a família da escola e fortalecem a família nesta relação", explica Valéria Valentim, diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Américo Falcão, nos últimos três anos.

A organização do tempo e a carga horária do professor de 5ª a 8ª série dificultam a aproximação com os alunos e seus pais. Nesses encontros, os professores estão criando e fortalecendo laços de amizade com as famílias, ganhando a confiança dos pais e estreitando a relação com os alunos, e a escola está tendo uma oportunidade de ouvir a família.

Andréa ressalta: "Os encontros proporcionam uma descentração, não é somente a voz do professor, o conselho tutelar também está lá e se posiciona frente a uma questão de violência, por exemplo. As competências da família são valorizadas, os adolescentes se sentem mais fortalecidos, pois foi dada a oportunidade de eles serem ouvidos, a ONG e a escola também se fortalecem em suas competências."

Programa de Educação Preventiva e Sexualidade (PEPS)

O PEPS, iniciado em 2004, é uma formação para professores de 5ª a 8ª série que trabalha com as temáticas da sexualidade e drogas. Estes temas surgiram de demandas dos professores, diante das dificuldades que eles enfrentavam em sala de aula: "Não temos condições de trabalhar com isto! Eles [os alunos] trazem questões que a gente não sabe como lidar, é uma sexualidade muito precoce, eles só têm interesse por isso..." Andréa se lembra dos comentários dos professores no Planejamento Participativo.

A Educação Preventiva parte da discussão do "eu, educador", aborda "as adolescências", partindo do pressuposto que não há somente um conceito de adolescência, e entra nos temas da sexualidade e das drogas. A idéia principal da Educação Preventiva é proporcionar aos adolescentes uma vida orientada por princípios de prevenção em relação à violência, às drogas, à gravidez não-planejada.

É oferecer informação para que os adolescentes possam fazer escolhas conscientes. Para se ter uma idéia do nível de desinformação e preconceito que assolava a comunidade em torno das DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) e AIDS, em 2004, quando começou o Programa, "as pessoas acreditavam que AIDS se transmitia pela picada da muriçoca (espécie de mosquito)", lembra Lílian Galvão, coordenadora do Programa.

A formação é composta por três módulos. O primeiro módulo traz aspectos gerais da prevenção do HIV/AIDS, trabalha a noção do eu (educador) para o outro, sentimentos, autopercepção e noção do próprio corpo. No segundo módulo, o tema é aprofundado com referências de como trabalhar a questão da sexualidade dos adolescentes. Conclui-se a formação com os fundamentos da Educação Preventiva e estratégias de redução de danos quanto ao consumo de drogas.

De acordo com a coordenadora, os professores respondem de forma muito positiva; preconceitos são quebrados por meio de vivências, resultado facilitado por uma metodologia participativa. Os professores ganham repertório, aprimoram competências e têm condições de dialogar com os alunos com mais objetividade e menos juízo de valor.

"O objetivo é que os professores se fortaleçam diante destas questões e se emancipem para poder favorecer o empoderamento de seus alunos", explica Lílian Galvão. E o mais importante é que o debate destes temas – drogas e sexualidade – não é exclusivo do âmbito dos professores de Biologia e Ciências.

Todos os professores trabalham esses temas coletivamente e de modo transversal, pois a questão afeta toda a escola – alunos namorando na sala de aula e no pátio, experimentando drogas, descobrindo-se sexualmente... É impossível para o professor ficar alheio a estas situações de vida pelas quais os alunos adolescentes estão passando.

Na formação, o professor tem condições de olhar seu aluno como um sujeito de direitos sexuais e reprodutivos, que precisa ter informações para fazer escolhas.

Conclusão

Trata-se de uma experiência localizada, restrita às comunidades de uma pequena cidade no litoral da Paraíba; acredita-se, porém, que pode ser tomada como uma referência de boas práticas para iluminar algumas alternativas que ajudem os professores e alunos a lidar com os desafios da 5ª a 8ª séries e para que a escola concretize sua função social.

As ações socioeducativas promovidas pela ONG Apoitchá no horário alternado ao escolar oferecem aos adolescentes, além da ampliação de repertórios e habilidades, a oportunidade de se sociabilizar e conviver com outros adolescentes. Esta estratégia é altamente valorizada por esse público, que sente uma necessidade quase orgânica de circular por outros espaços, de estar em outros lugares, em ambientes diferentes da escola, para o desenvolvimento de suas capacidades.

Cabe destacar que a escolha da ONG em realizar ações voltadas para as crianças e adolescentes de baixa renda reforça a crença da instituição nas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento desta parcela da população infanto-juvenil e na potência das comunidades pobres. Esta prática resulta em experiência e competência, a serem compartilhadas com a escola e seus professores que, em geral, têm dificuldades em lidar com este universo e tendem a enxergar somente as dificuldades e carências.

As ações socioeducativas promovidas pela ONG Apoitchá no horário alternado ao escolar oferecem aos adolescentes, além da ampliação de repertórios e habilidades, a oportunidade de se sociabilizar e conviver com outros adolescentes.

A estratégia de levar a questão da educação e proteção para a arena pública, onde todos os atores envolvidos assumem o compromisso com o desenvolvimento destas crianças, substitui o tratamento distanciado muito comum em ambientes escolares, em que a criança é um "caso" problemático.

Perpassam as três ações a valorização e a promoção da educação integral. A iniciativa da Apoitchá, ao resgatar a integralidade dos sujeitos de aprendizagem – professores, educadores sociais, pais e alunos – vai ao encontro do que especialistas apontam como boas soluções para a melhoria da escola pública: formação continuada dos professores, integração com a comunidade, valorização dos saberes e cultura locais, aproximação com a família e educação integral para todas as crianças e adolescentes.

Referência

ZEICHNER, KENNETH M. A Formação Reflexiva de Professores: idéias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

Notas

1 Relato produzido a partir de entrevista com Andréa Carrér Carvalho, coordenadora da ONG Apoitchá de Lucena (PB). Mais informações pelo site: www.apoitcha.org.br .

2 www.pnud.org.br

3 www.unicef.org.br